



BASTA SORRIR

Penetrei na megalópolis,
andei em meio aos homens.
Só vi animais apressados:
formigas céleres e agitadas,
sobraçando papéis, segurando pastas.
A fuligem do ar causaria o
cinzento-sem-afeto das fisionomias?

No ponto de ônibus, de repente
uma luz intensa circundou o rapaz.
Seu rosto tinha cor de gente, pois ria
ao ver a “charge” do matutino.

Andei entre as térmitas assustadas,
em dia nublado, sem comunicação.
Eis senão quando nova luz deparo:
dois namorados se olham sorrindo.
Nada dizem e se entendem radiosos.

Mais adiante, o espetáculo é belo:
em mesa de bar, amigos confraternizam.
Não são bichos e nem correm...
Se olham, falam, brincam e gargalham.

Esses focos davam claridade às ruas,
e ao seu redor medravam cores.
Esses sorrisos faziam a transmutação
dos animais em gente.
Agora, realmente pessoas,
alegres, simpáticas, divinas.

Descobri ainda haver esperança
para a megalópolis:
basta que todos sorrissem!

São Paulo, dezembro de 1987.
(Abertura da tese de doutorado em Psicologia)